EDITORIAL

A LITERATURA SAGRADA E AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado) em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás tem, como metas de pesquisa, três linhas: Cultura e Sistemas Simbólicos, Religião e Movimentos Sociais e Religião e Literatura Sagrada. Este número da revista *Caminhos* quer contemplar esta terceira linha, isto é, Religião e Literatura Sagrada. Porém, estará, neste número, restrita, com exceção de um artigo, à literatura bíblica hebraica e cristã.

As religiões se manifestam por atitudes exteriores que revelam, ao mesmo tempo, atitudes interiores e por ações e gestos cujo sentido profundo os transcende. Estamos no nível dos fenômenos religiosos. Um fenômeno é algo que pode ser verificado. Porém, ele é mais do que simples aparência: revela algo que o transcende. Ele vai se revelando, gradativamente, até alcançar o valor de sinal. Então, passa a manifestar a realidade da qual é um aspecto. O fenômeno jamais pode ser separado da realidade. É desta que vem todo o valor representativo. O observador busca esta realidade por trás do fenômeno.

Os articulistas da literatura sagrada que contribuem com este número tentam recolocar o objeto observado, descrito e analisado no contexto da vida religiosa do grupo, mostrando suas relações com ela.

As literaturas sagradas, especialmente, aqui nesta revista, a hebraica e a cristã, surgiram a partir de experiências de grupos ou convivência comunitária. Os textos escritos foram, quase sempre, frutos de experiências religiosas comunitárias. Essas experiências foram um conjunto de atos e atitudes por meio dos quais os membros dessas experiências grupais manifestaram suas dependências em relação às forças invisíveis. Os ar-

ticulistas deste número buscaram, sistematicamente, verificar a fenomenologia da vida religiosa no seu contexto vital.

As literaturas sagradas, portanto, foram elaboradas após as experiências grupais comunitárias. Foram frutos de experiências religiosas. Essas, como veremos, localizaram-se no interior e nos limites dos mundos profano e sagrado, em contínua interação.

Este número de *Caminhos* quer olhar a Literatura Sagrada enfocando duas temáticas: a etnia e o gênero.

No primeiro artigo, Representações da Identidade e Etnicidade do Antigo Israel, o Prof. Dr. Júlio P. T. Zabatiero, da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (RS), parte do cântico de Débora (Jz 5), escrito entre os séculos XII e X a.C., para analisar as representações da identidade étnica do antigo Israel pré-estatal. O autor se interroga sobre o testemunho que o próprio Israel deu de suas origens, a partir de Débora, uma das fontes mais antigas das memórias do povo israelita, procurando as representações da identidade étnica de Israel presente no cântico. Este texto é fundamental para se compreender as origens de Israel como fruto de resistência contra o domínio das cidades-estado e da construção de um novo projeto mais igualitário, justo e feminino.

O Prof. Dr. Luiz Alexandre S. Rossi, com o segundo pós-doutorado em Teologia, no Fuller Theological Seminary, no segundo artigo, O Lado Feminino da Guerra: uma leitura popular, também parte do Cântico de Débora, inclinando-se para uma leitura de gênero. Quando se fala em guerra no mundo antigo, pensa-se, imediatamente, no gênero masculino. A guerra era masculinizada. Porém, o Cântico de Débora, um relato popular, traz uma memória sobre a experiência de uma mulher guerreira. Diante da juíza, profeta, líder militar, o autor assume a afirmação de que "Débora é uma anomalia". Parece ser, pelos relatos bíblicos, a primeira mulher com mais autonomia e a mais proeminente das heroínas militares femininas. Ao redor dela, inicia-se uma memória feminina que canta e celebra as façanhas das mulheres, algo extraordinário, porque o Antigo e o Novo Testamentos fazem absoluto silêncio a respeito da memória popular das mulheres. Deus atua igualmente tanto por mãos masculinas quanto por mãos femininas. Este ponto de partida se faz fundamental: Débora é juíza e profetiza em um mundo estritamente patriarcal e como guerreira ela se faz matriarca e líder militar. O autor tem uma suspeita: propõe

que talvez possa ser melhor entender Iahweh e Débora como parceiros (divino e humano) fazendo guerra para defender a comunidade de Israel – pai e mãe se reúnem com um só objetivo, a libertação.

No terceiro artigo, Sexualidade, Afetividade e Maturidade na Bíblia, o Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, verifica que a sexualidade e a afetividade na Bíblia podem ser tomadas como um grande tratado antropológico da alteridade e da leitura de gênero. Uma leitura bíblica de gênero, com a perspectiva da afetividade, sexualidade, alteridade, maturidade política e libertadora do amor e da justiça, demonstra o quanto esse livro sagrado se preocupa com a vida e com a dignidade do ser humano, homem e mulher, jovem e criança. Perpassando as culturas antigas (grega, romana, egípcia e babilônica) e enfocando, pontualmente, a cultura hebraica, o autor vai contrapondo, com vários textos bíblicos, com mais acento em Esdras e Cântico dos Cânticos, uma mentalidade patriarcalista e androcêntrica com um novo espírito da alteridade, baseada no amor e na justiça libertadora: aí se compreende o amor como aliança, porque é arte dos sábios e simples, que sabem fazer a hora no encontro mulher-homem como imagem e semelhança de Deus.

No quarto artigo, com o título Anti-judaísmo e Redação de Textos e Versões do Novo Testamento, o Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcelos, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aborda uma questão delicada que envolve os cristãos vindos do judaísmo. De um lado, pode-se pensar que copistas étnico-cristãos teriam tido alguma postura antijudaica. De outro, que copistas judeu-cristãos teriam movido algum texto na sua própria defesa. O autor partiu da crítica textual e literária do Novo Testamento, descrevendo aspectos do processo de formação e transmissão de textos que formaram o Novo Testamento. A dinâmica destes textos teria se alimentado das polêmicas com grupos judeus e sua religião vivenciadas no seio de setores da Igreja cristã. A polêmica antijudaica dos primeiros redatores dos cristianismos originários teria afetado o processo de transmissão dos textos que compõem o Novo Testamento.

No quinto artigo, com o título Natureza Humana como Abertura Étnica e de Gênero, o Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira, da Universidade Católica de Goiás, mostra que o texto verificado era, até pouco tempo, analisado pelos exegetas como uma perícope de abertura étnica, ven-

do aí a perspectiva universalista da salvação. Isso continua correto, porém, graças aos estudos, especialmente, de biblistas feministas, percebe-se um novo ângulo: que a abertura de gênero é tão densa como a étnica. Marcos 7,24-30 revela a força da presença feminina na propagação libertadora do Evangelho. Essas experiências das mulheres ajudaram a superar a opressora lei do puro e impuro, abrindo as portas para a comunidade descobrir que era possível os cristãos étnicos e as mulheres assentarem-se à mesa para se saciarem e conviverem. No gênero literário "controvérsias" de Jesus, este é, talvez, o único lugar em que Jesus é derrotado. E isto acontece, exatamente, para uma mulher estrangeira (siro-fenícia), fora do mundo israelita.

A Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer, da Universidade Católica de Goiás, com o sexto artigo, Elas se Lembraram das Palavras Dele, com a perspectiva de gênero e com o referencial da memória, analisa as tradições sobre a ressurreição de Jesus. A palavra decisiva do cristianismo para o mundo (vitória da vida sobre a morte) é uma mensagem de mulheres. A autora analisa a tradição fundante (ressurreição) da Igreja judeu-cristã, partindo de 1 Cor 15,3-8, passando pelos textos evangélicos (Mc, Mt, Lc, Jo), em que procura evidenciar os processos de silenciamento e exclusão de mulheres não apenas das tradições míticoliterárias originais, mas também dos ministérios eclesiais ordenados. Procura demonstrar também a força da memória para as alternativas da experiência religiosa. Foi nas relações de poder (experiência e mentalidade androcêntrico-patriarcais) que, historicamente, o modelo apologético-dogmático androcêntrico ofuscou o apostolado e as funções vivas das mulheres.

No sétimo artigo, intitulado O Ego Ilusório Budista e a Multifacetada Violência contra a Mulher Brasileira, o Prof. Dr Luiz A. Libório e a Profa. Janice M. S. Albuquerque mostram, numa ótica de gênero, como as etnias de orientação budista e cristã entendem e praticam a violência contra a mulher na sociedade atual. Na primeira parte, os autores apresentam considerações sobre Buda e também a doutrina budista sobre a fonte da violência. Este tema é sempre atual. Suas raízes vêm das profundezas do ser humano. À primeira vista, o budismo é visto como religião pacífica. Porém, nessa religião, a violência surge do ego ilusório, que consiste na concepção e na prática de que o nosso eu é substancial e permanente, camuflando e iludindo o eu verdadeiro de sua real direção, o *atman* (transcendência do ser humano). Na segunda parte, são analisadas as

muitas faces da violência praticada contra a mulher na sociedade brasileira atual. Esta violência, além de pessoal, é sistêmica. Nas principais etnias miscigenadas e do machismo cultural reinante, a mulher é vista como subalterna ao homem, portanto, como coisa. Contra ela, todo tipo de violência, que se tornou "normalidade social", encobriu, a partir do poder e do controle do sexo masculino sobre o feminino, relações hierárquicas. Daí advêm a dominação, exploração e opressão, expressões pontuais da violação dos direitos humanos e da violência contra a mulher. Não se pode menosprezar os desejos, como já se viu. Buda despreza essa margem da transitoriedade (eu ilusório) para valorizar absolutamente a outra margem (*Brahman*), o verdadeiro ego, quando o mendigar as fagulhas do ser, ter e prazer são o combustível para o manter-se da existência com sentido em busca do grande Sentido. Os autores têm dois sonhos: que sejamos um pouco mais sábios, como os budistas, não nutrindo tanto um ego que pode se tornar, às vezes, bastante ilusório e que faz tanta gente sofrer e praticar a violência microscópica (contra a mulher, a família) e macroscópica (grupal, nacional e internacional)! Que valorizemos o nosso "ego temporal", mas não o absolutizemos em seus desejos. Esse seria, de um modo mais realista, à maneira brasileira, o "caminho do meio" que faria diminuir muito os diversos tipos de violência sistêmica contra a mulher, que grassa impiedosamente na sociedade brasileira atual.

A revista *Caminhos* é um veículo próprio do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Este número apresenta o resumo das dissertações do Mestrado defendidas entre 2005/02 e 2006/01. Assim, os mais de cem mestres formados nesta Academia poderão ir acompanhando e recebendo esta legião de egressos que fazem a história deste Programa, agora sendo ampliado. Certamente, e com muito entusiasmo, queremos convidar estes Mestres em Ciências da Religião para virem enriquecer a nossa Academia que inicia em 2007 o Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás. Vocês e tantos outros, de toda a parte, são convidados para a bela empreitada da consolidação deste desafio.

Finalmente, este número de *Caminhos* apresenta o registro da produção intelectual do corpo docente do Programa, em que registram as publicações e as apresentações de trabalhos realizados pelos docentes no primeiro semestre de 2006.

Que as leitoras e os leitores deste número de *Caminhos,* vendo a riqueza de alguns textos de algumas literaturas sagradas, percebam que qualquer texto sagrado escrito é fruto de experiências religiosas. Se todo fenômeno religioso exprime uma experiência religiosa, as literaturas sagradas são os espelhos e reflexos dessas experiências.

Joel Antônio Ferreira
Editor